



MADAME

EL James

Autora de CINQUENTA TONS DE CINZA

MADAME

E L James

TRADUÇÃO DE
LUCIANA DIAS E MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2023 by Erika James Ltd

TÍTULO ORIGINAL
The Missus

COPIDESQUE
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Nina Lopes

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA
E L James
Brittany Vibbert/Sourcebooks

IMAGENS DE CAPA
E L James

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29m

James, E. L., 1963-
Madame / E L James ; tradução Luciana Pádua Dias, Maria Carmelita Dias. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
400 p. ; 23 cm. (Mister ; 2)

Tradução de: The missus
ISBN 978-65-5560-625-6

1. Romance inglês. 2. Romance erótico inglês. I. Dias, Luciana Pádua. II. Dias, Maria Carmelita. III. Título. IV. Série.

23-86008

CDD: 823

CDU: 82-31(410)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para D, com amor.

Capítulo Um

Meus passos ecoam de forma insistente no piso iluminado, e meus olhos começam a piscar diante da claridade implacável das lâmpadas fluorescentes.

— Por aqui — indica a médica do pronto-socorro.

Ela para e me conduz até uma sala fria e mal iluminada — o necrotério do hospital.

Em uma maca, embaixo de um lençol, jaz o corpo fraturado e sem vida de meu irmão.

O choque é avassalador. Sinto meu peito apertado, como se estivesse sugando a última lufada de ar dos meus pulmões. Nada teria me preparado para isso.

Kit, meu irmão mais velho.

Meu porto seguro.

Kit, o décimo segundo Conde de Trevethick.

Morto.

— Sim. É ele — respondo, a boca seca.

— Obrigada, Lorde Trevethick — sussurra a médica.

Merda. Ela está falando de mim!

Baixo o olhar para Kit.

Só que não é ele. Sou eu deitado na maca... ferido e quebrado... frio... morto.

Eu? Como?

De repente, observo Kit se inclinar e dar um beijo em minha testa.

— Adeus, seu filho da puta — diz ele com a voz áspera, o esforço por segurar as lágrimas pesando em sua garganta. — Você consegue dar conta. Foi para isso que você nasceu.

Ele abre um sorriso torto e sincero, que reserva para os raros momentos em que está fodido.

Kit! Não! Você entendeu tudo errado.

Espere!

— Você consegue, Reserva — continua Kit. — Você é o sortudo número treze.

Seu sorriso se dissipa, e ele desaparece. Estou mais uma vez encarando-o, me inclinando sobre meu irmão enquanto ele dorme. Mas, dessa vez, seu corpo machucado indica que... ele não está dormindo... ele está... morto.

Não! Kit! Não! Não consigo falar, a garganta apertada de tristeza.

Não! Não!

EU ACORDO E meu coração está acelerado.

Onde estou?

Levo um milésimo de segundo para me orientar conforme meus olhos se adaptam à penumbra. Alessia está enroscada em mim, a cabeça em meu peito e uma das mãos em meu abdômen. Respiro fundo, tomando fôlego, e sinto o pânico retroceder, como o bater suave das ondas de um mar tranquilo.

Estou em Kukës, no norte da Albânia, na casa dos pais de Alessia. Do outro lado do lago, a alvorada se insinua pelo céu.

Alessia está aqui. Comigo. Segura e dormindo profundamente. Com cuidado, abraço um pouco mais seus ombros e beijo seu cabelo, inspirando seu perfume. O tênue bálsamo de lavanda, de rosas e de minha garota tão doce acalma e provoca meus sentidos.

Meu corpo se inflama. O desejo, quente e profundo, desce até minha virilha.

Eu quero essa mulher. De novo.

Este desejo é novidade, mas está se tornando parte de mim, e ganha força quando estou perto dela. Alessia é tão linda e cativante que anseio por ela como se fosse um vício. Resisto ao ímpeto de acordá-la, porém... ela atravessou os nove círculos do inferno.

De novo.

Merda.

Mantenho meu corpo sob controle e fecho os olhos à medida que a raiva e o remorso reaparecem. Eu a deixei escapar. Deixei que aquele babaca violento, seu “prometido”, a roubasse de mim. O que ela aguentou, eu não quero descobrir, mas os cortes e hematomas em seu corpo contam uma história horrorosa.

Nunca mais vou deixar isso acontecer.

Graças a Deus ela está segura.

Vou deixá-la dormir.

Começo a brincar de leve com uma mecha de seu cabelo, me deliciando com a maciez dos fios. Levo-os até minha boca e roço pelos lábios em um beijo terno.

Meu amor. Minha garota linda e corajosa.

Ela teve que passar por muita coisa em pouco tempo: ser vítima de tráfico, não ter onde morar, conseguir um emprego... e se apaixonar por mim.

Minha doce faxineira.

Que logo será minha noiva.

Fecho os olhos de novo, me aconchegando mais, procurando o calor de Alessia, e adormeço.

ACORDO DE REPENTE, POR CAUSA DE... alguma coisa lá fora.

O que foi isso?

Já é tarde, a luz no quarto está mais clara.

— *Alessia!*

A mãe dela está chamando.

Merda! Nós perdemos a hora!

— Alessia! Acorde. Sua mãe está chamando. — Beijo sua testa, e ela resmunga alguma coisa, enquanto me desvencilho de seus braços e me sento. — Alessia! Vamos lá! Se seu pai nos encontrar, vai dar um tiro em nós dois.

A lembrança do pai dela — e da sua espingarda na noite passada — surge em minha mente.

Você vai se casar com a minha filha.

A mãe chama de novo, e Alessia abre os olhos, piscando para espantar o sono. Ela se concentra em mim, toda descabelada, sonolenta e excitante, e abre um sorriso enorme. Por um momento, me esqueço da ameaça sombria de seu pai com o dedo no gatilho da espingarda.

— Bom dia, minha linda. — Acaricio sua bochecha, evitando o arranhão que ainda está lá. Ela fecha os olhos e se aconchega na minha mão. — Sua mãe está chamando você.

Seus olhos se abrem de repente e o sorriso desaparece, substituído por uma expressão de alarme. Ela se senta, usando nada além da pequena cruz de ouro.

— *O Zot! O Zot!*

— Isso. *O Zot!*

— Minha camisola!

Ouvimos uma batida abafada, mas apressada, na porta.

— Alessia! — sussurra a Sra. Demachi.

— Merda! Se esconde! Vou resolver isso. — Meu coração está batendo freneticamente.

Alessia pula para fora da cama, linda com os braços e pernas nus, enquanto me ponho de pé em um salto e me enfio na calça jeans. Para falar a verdade, tenho vontade de rir: é como se estivéssemos em uma comédia romântica ridícula. Uma coisa maluca. Somos ambos adultos e logo estaremos casados. Olho de relance para Alessia — que está com dificuldades para vestir a camisola preta —, ando sem fazer barulho até a porta, abro uma fresta, finjo cara de sono e me deparo com a mãe dela.

— Sra. Demachi, bom dia.

— Bom dia, Conde Maxim. Alessia? — pergunta ela.

— Ela sumiu de novo? — Tento parecer preocupado.

— Ela não está na cama.

Alessia anda na ponta dos pés no piso de azulejos frio e desliza os braços em volta da minha cintura ao mesmo tempo que espreita por trás de minhas costas.

— Mama, estou aqui — sussurra ela em inglês, por minha causa, acho.

Putá merda.

Fomos pegos em flagrante, e agora vou ser tachado de mentiroso pela minha futura sogra. Encolho os ombros, para me desculpar com Shpresa, que franze a testa sem nenhum traço de humor em sua expressão.

Merda.

— Alessia! — sibila ela e olha nervosa para trás. — *Po të gjeti yt atë këtu!*

— *E di. E di* — responde Alessia e, percebendo minha cara feia, me fita de forma doce e ergue os lábios para os meus, me oferecendo um beijo leve.

Ela sai de fininho pela porta, coberta pela camisola vitoriana, e me lança um olhar ardente por cima do ombro enquanto segue a mãe escada acima. Eu a perdoo por me expor como mentiroso para a mãe, e permaneço ali, escutando as duas cochicharem em albanês. Não escuto a voz do pai dela.

Acho que conseguimos nos safar dessa.

Bom, ele tinha dito que agora ela é problema meu. Balanço a cabeça ao fechar a porta, irritado com essa ideia. Alessia não é um *problema meu*, porra. Ela é uma mulher que sabe o que quer. Como ele pode pensar uma coisa dessas? Isso me deixa irritado. Culturalmente, o pai dela e eu estamos em polos opostos, e, por mais que eu queira respeitá-lo, ele precisa aprender que estamos no século XXI. O motivo de Alessia agir com cautela ao lidar com o pai é óbvio. Ela chegou a mencionar a natureza explosiva dele durante nossa estadia na Cornualha. Na época, disse que não sentia saudades dele, apenas da mãe.

Maldição. Quanto antes sairmos daqui, melhor.

Quanto tempo vai demorar para nos casarmos?

Talvez possamos escapulir para fazer isso.

Fugir para casar?

Nós podíamos nos esconder no hotel Plaza em Tirana enquanto esperamos o passaporte novo e descobrir juntos os encantos da capital. Mas quanto tempo teremos que esperar pelo novo passaporte? Tempo suficiente para o pai dela vir atrás de nós com sua arma? Não sei, e de qualquer maneira acho que Alessia não iria gostar da ideia. Porém, nos encontrarmos em segredo, como dois adolescentes... é uma loucura. É como se tivéssemos voltado no tempo, para vários séculos atrás, e não tenho certeza de que serei capaz de aguentar isso por muito tempo.

Olho para o relógio. Ainda está cedo, então tiro a calça jeans e me deito. Enquanto encaro o teto e penso sobre os últimos dias, minha consciência é invadida por trechos de meu sonho mais recente.

Que porra foi aquela?

Kit?

Ele aprova que eu herde o título.

Será que é isso?

Será que ele aprovaria meu pedido de casamento precipitado e esse casamento forçado?

Não, acho que não. Talvez o sonho signifique isso. Pensando bem, acho que ninguém da minha família vai aprovar. Fecho os olhos, imaginando a reação da minha mãe diante da novidade. Talvez ela fique feliz de me ver casado... finalmente.

Não. Ela vai ficar furiosa. Tenho certeza.

Talvez meu sonho signifique que Kit está oferecendo sua solidariedade.

Pode ser...

É.

O sonho era sobre isso.

A mãe está brava, e Alessia não sabe o que dizer para acalmá-la.
— O que você acha que estava fazendo? — rosna Shpresa.

Alessia arqueia uma sobrançelha.

— Alessia! — exclama a mãe, sabendo muito bem o que a filha está tentando expressar. — Só porque aquele homem deu uma mordida na sua maçã não quer dizer que você não deva esperar até se casar!

Mama!

— Se seu pai pegar vocês! — Ela suspira. — Acho que ele saiu, talvez para procurar você. Era bem capaz de ele ter um ataque do coração se soubesse o que você estava fazendo.

Exasperada, ela faz um gesto de desaprovação enquanto as duas caminham pelo corredor, mas sua expressão parece mais calma quando chegam à sala de estar.

— Você já está grávida, então... — Ela dá de ombros, resignada.

Devagar, um rubor perpassa o rosto de Alessia. Será que ela devia contar à mãe que é mentira?

— Então, seu conde bonito está em boa forma. — Shpresa olha para a filha com um sorriso provocador.

— Mama! — exclama Alessia.

— Ele tem uma tatuagem.

— Tem. É o brasão da família.

— Entendi.

Ela parece desaprovar, fazendo uma careta. Alessia dá de ombros. Ela gosta da tatuagem.

A mãe sorri.

— Ele é bom para você... na cama?

— Mama! — A voz de Alessia sobe diversas oitavas com o choque.

— É importante. Eu quero que você seja feliz, e você deve fazê-lo feliz. E não vai demorar muito para a criança chegar, e, bom...

A mãe bufa, liberando seu desapontamento em ondas, enquanto Alessia a encara sem esboçar reação.

O que ela deve dizer? Que mentiu para os pais?

E foi isso que aconteceu com a mãe depois que Alessia nasceu?

Alessia não quer pensar nisso. Além do mais, está muito cedo para esse tipo de conversa.

— Acho que ele está feliz — diz ela.

— Ótimo. Podemos conversar mais sobre esse assunto.

— Eu não quero conversar mais sobre isso — replica Alessia, morrendo de vergonha.

— Você não tem nenhuma pergunta?

Alessia fica pálida só de pensar.

— Não!

— Imagino que seja um pouco tarde para isso agora. Mas, se você tiver alguma pergunta, seu pai e eu...

— Mama! Pare! — Alessia põe as mãos nos ouvidos. — Eu não quero saber.

A mãe ri, bem-humorada.

— É bom ter você de volta, meu coração. Senti tanta saudade. — Sua risada desaparece e ela semicerra os olhos, mais séria. — Na noite passada, fiquei revirando na cama. Estava pensando em algo que o Lorde Maxim disse. Não consegui dormir de preocupação. — Sua voz vai se apagando.

— O que é, Mama?

Ela respira fundo, como se fosse dizer algo particularmente desagradável.

— Ele falou alguma coisa sobre tráfico sexual.

Alessia suspira.

— Ah, Mama, tenho muita coisa para contar para a senhora, mas primeiro vou tomar um banho.

A mãe a envolve nos braços.

— Querida filha do meu coração — diz ela baixinho em seu ouvido. — Estou tão feliz por você estar em casa. E segura.

— Eu também, mamãe. E nada de Anatoli, não mais.

Shpresa aquiesce.

— E seu noivo, ele tem um temperamento violento?

— Não. Não tem, não. Pelo contrário.

A mãe abre um sorriso.

— Você brilha como o sol no verão quando fala dele. — Ela pega a mão de Alessia e, arqueando uma sobrancelha, admira o lindo anel de noivado. — Ele tem dinheiro e bom gosto.

Alessia concorda e observa o diamante resplandecente em seu dedo.

Esse belo anel agora é seu.

Ela mal consegue acreditar.

— Vá tomar banho. Vou fazer pão e café.

ALESSIA ESTÁ EMBAIXO do chuveiro no banheiro da família, se deliciando com a água quente. A pressão da água não é tão forte quanto na Cornualha, mas ela aprecia o calor enquanto esfrega e limpa a pele. Essa é a primeira vez em que se permite pensar sobre o que aconteceu nos últimos dias.

Anatoli. Seu sequestro. A longa viagem até aqui. A brutalidade dele.

Alessia estremece. Anatoli não faz mais parte de sua vida, e ela se sente grata por isso.

E foi bem-recebida em casa; até o pai admitiu que sentiu falta dela.

Alessia fecha os olhos enquanto esfrega vigorosamente o xampu no cabelo, tentando afastar a culpa. Ela mentiu para os pais, e a desonestidade pesa em sua consciência.

Ela não está grávida, mas será que deve contar a verdade?

O que o pai diria se soubesse? O que faria?

Ela levanta o rosto para o chuveiro e deixa a água percorrer o corpo.

E ainda há Maxim.

Alessia sorri enquanto a água escorre. Ele atravessou um continente para encontrá-la e trouxe um anel para pedi-la em casamento. É muito mais do que ela poderia sonhar ou esperar. Agora, precisa descobrir como Maxim realmente se sente sobre ser forçado a casar ao estilo albanês.

Ele não se opôs na noite passada.

Porém, ela gostaria que o pai tivesse sido menos insistente.

Alessia estaria mais feliz em Londres e teme que Maxim sinta o mesmo. Quanto tempo levará até ele ficar entediado em Kukës? Ele está acostumado a uma vida bem diferente, e não há muito o que fazer ali. Talvez devam fugir de Kukës juntos. Eles podiam se casar na Inglaterra.

Será que Maxim concordaria com essa ideia? Alessia enxágua o cabelo e fica imóvel de repente.

Não. Mama!

Alessia não pode deixar a mãe à mercê do pai. Precisa levá-la junto. *Será possível? Será que Maxim vai se opor?* Afinal, Shpresa fala inglês fluentemente. A mãe de Shpresa, Virginia, a querida avó de Alessia, era britânica. Ela deve ter algum parente na Inglaterra, mas a avó nunca comentou sobre os familiares ingleses, porque eles não aprovavam seu casamento com um albanês.

Será que também vai ser assim com a família de Maxim?

Eles não vão me aprovar?

Ela sente um calafrio descer pelas costas. É óbvio que não vão aprovar Maxim se casar com a faxineira, uma estrangeira sem um tostão furado. A frustração toma conta de Alessia.

O que ela pode fazer?

Talvez eles não devam se casar antes de ela conhecer a família de Maxim e descobrir se será aceita ou não. No fundo, ela gostaria da bênção dos parentes dele.

No entanto, primeiro tem que lidar com o pai e suas expectativas. Ele é um homem teimoso, orgulhoso e temperamental e quer que os dois se casem até o final da semana.

Será que isso é mesmo possível?

Ela esfrega o rosto. Há muita coisa para pensar e muita coisa para fazer.

QUANDO ALESSIA ENTRA na cozinha, sua mãe ergue o olhar da massa que está preparando e a encara.

— Você parece diferente — comenta, deixando a massa de lado para crescer.

— São as roupas? — Alessia dá um giro. Ela está vestindo uma saia, uma blusa e um cardigã, peças que Maxim comprou para ela em Padstow.

— É, pode ser. Mas você parece mais madura. — A mãe vai lavar as mãos na pia.

— E estou mesmo — responde Alessia em voz baixa.

Ela atravessou a Europa nas mãos de traficantes de mulheres, ficou desabrigada, morou em uma das cidades mais movimentadas do mundo e se apaixonou... depois, viu tudo isso ser arrancado dela quando foi sequestrada, e quase estuprada, pelo homem a quem fora prometida. Alessia estremece.

Não pense nele.

— Café? — oferece a mãe.

— Sem açúcar para mim — responde ela e se senta à mesa.

Shpresa a observa, atônita.

— É bom?

— Você se acostuma.

Shpresa deixa uma xícara cheia de café na mesa para Alessia e se senta do outro lado com uma xícara na mão.

— Me conte... O que aconteceu depois que botei você naquele ônibus para Shkodër?

— Ah, Mama...

Os lábios de Alessia tremem conforme as lembranças do que ela passou desde que deixou a Albânia inundam seu peito. Hesitante, entre lágrimas, ela conta à mãe a história toda.

Acordo me sentindo renovado. O sol está alto no céu, e, ao olhar para o relógio, vejo que já são nove e meia. Está tarde. Às pressas, enfio a calça jeans, uma camiseta e um suéter. Em algum momento, vou ter que voltar ao hotel e pegar minhas coisas. Porém, mais importante de tudo, preciso saber como vai ser com nosso casamento forçado.

Na sala de estar, encontro Alessia e a mãe sentadas à mesa, chorando baixinho.

Que porra é essa?

— O que houve? — Eu as pego de surpresa, minha ansiedade nas alturas.

Alessia se apressa em secar as lágrimas e salta da cadeira direto para os meus braços.

— Ei. O que foi?

— Nada. Estou feliz que você está aqui. — Ela me abraça.

Dou um beijo em sua testa.

— Eu também.

Shpresa se levanta e enxuga os olhos.

— Bom dia, Lorde Maxim.

— Bom dia. Humm... Só Maxim está bom. É o meu nome.

Ela sorri de leve.

— Café?

— Por favor.

— Sem açúcar, mamãe — se intromete Alessia.

Inclino o queixo de Alessia para cima e miro os olhos escuros e tristes que testemunharam e sofreram coisas demais. Meu coração se aperta.

Meu amor.

— Por que você está tão chateada?

— Eu estava contando à minha mãe tudo o que aconteceu depois que saí de Kukës.

Um instinto de protegê-la se espalha como uma onda de energia por meu peito, comprimindo-o, e eu a abraço mais apertado.

— Entendi. — Beijando seu cabelo, eu a aconchego junto a mim, mais uma vez grato por ela ter sobrevivido a toda aquela experiência penosa e angustiante. — Você está comigo agora, e não vou mais perder você de vista.

Nunca mais.

Franzo a testa, surpreso com a intensidade dos meus sentimentos. Não quero *mesmo* perdê-la de vista, ela já sofreu demais.

— Estou falando sério — acrescento.

Ela desliza a ponta dos dedos pela minha barba por fazer, e seu toque reverbera por todo o meu corpo.

— Preciso fazer a barba. — Minha voz sai áspera.

Ela abre um sorriso.

— Eu gostaria de assistir.

— É mesmo? — Arqueio uma sobrancelha.

Os olhos de Alessia não estão mais desanimados, mas sim com um brilho de quem está achando graça, além de uma emoção que me atinge bem entre as pernas.

A Sra. Demachi está ocupada preparando café, fazendo barulho com o pequeno bule, o que acaba com o clima entre mim e Alessia. Dou um beijo no nariz da minha garota e, rindo como um bobo, volto minha atenção para a mãe dela. Alessia se acomoda em meu peito enquanto observo o elaborado processo acontecendo no fogão, que inclui um pequeno bule de estanho, uma colher de chá comprida e o ato de ficar mexendo a bebida com atenção.

A Sra. Demachi me oferece um breve sorriso.

— Sente-se — diz ela.

Então, solto a minha noiva, olho de relance para a espingarda na parede e tomo meu lugar à mesa.

Alessia pega uma xícara e um pires do armário. Ela está vestindo a saia jeans escura que compramos em Padstow, tão justa que me provoca, com aquela bunda perfeita.

Ela é maravilhosa.

Eu me remexo na cadeira, e Alessia enche minha xícara.

— Seu café — diz ela, me encarando com os olhos escuros brilhando de satisfação, e colocando a xícara na minha frente.

Ela sabe que eu a estou comendo com os olhos, e gosta disso. Sorrio e, com o olhar fixo no dela, faço biquinho e sopro de leve a borda da xícara. Ela abre um pouco a boca, ao mesmo tempo que inspira fundo, e meu sorriso se alarga.

Você me provoca, mas eu também sei provocar.

A mãe de Alessia pigarreia, o que nos traz de volta para a cozinha. Alessia ri e fala alguma coisa em albanês para a Sra. Demachi, que mexe a cabeça para cima e para baixo, desaprovando a atitude da filha em silêncio.

Tento dar um gole no café. Está pelando. É aromático e amargo, mas agradável. A mãe de Alessia acende o forno e começa a abrir um tipo de massa. Ela é rápida e eficiente e, em pouco tempo, corta a massa em tiras e depois em quadrados. Sua velocidade é impressionante. Não é de estranhar que Alessia cozinhe tão bem. Ela, aliás, se junta à mãe, e eu observo, fascinado, quando as duas pegam a massa e formam pequenas bolas com as mãos. O modo como se sentem à vontade na cozinha lembra Jessie e Danny na Mansão Tresyllian, na Cornualha. A mãe posiciona as bolinhas lado a lado em um tabuleiro, e Alessia passa leite por cima, usando um pequeno pincel de plástico. A competência das duas, a naturalidade com que trabalham juntas... é reconfortante observar esse ritual doméstico.

Droga. Cadê minha educação?

— **P**osso fazer alguma coisa para ajudar? — oferece Maxim.
Alessia cuidadosamente balança a cabeça enquanto sua mãe faz o gesto oposto, na vertical.

— Não, mamãe. Mexer a cabeça para cima e para baixo significa sim.

Shpresa ri.

— Nós não estamos acostumadas com a ajuda de homens na cozinha — diz, os olhos brilhando de bom humor quando ela leva o tabuleiro ao forno.

Alessia começa a pôr a mesa.

— Eu falei. Aqui, só as mulheres cozinham.

O café da manhã é um banquete delicioso de pão recém-assado. Estou em meu quarto pão almofadinha com manteiga e geleia de frutas vermelhas e meu segundo café quando ouvimos a porta da frente bater. Alguns minutos depois, o Sr. Demachi aparece, com um terno tão sombrio quanto sua expressão, que não revela nada. Shpresa fica de pé num salto e começa a encher o bule de água.

Talvez ela precise de um bule maior.

Alessia se levanta, pega um prato e o coloca na cabeceira da mesa, acompanhado de uma faca. Demachi se senta, e é óbvio que isso é normal: ele está acostumado a ser servido, ter todos os seus caprichos atendidos.

Humm... Eu também. Mas não pela minha mãe... nem pela minha irmã.

— *Mirëmëngjes* — resmunga ele, me encarando, enigmático como sempre.

— Meu pai está dando bom-dia para você — traduz Alessia e parece achar graça.

Por que ela está achando isso engraçado?

— Bom dia. — Aquiesço para meu futuro sogro.

Ele começa a falar, e Alessia e a mãe escutam, hipnotizadas pela voz profunda e melodiosa, enquanto ele lhes explica alguma coisa. Eu gostaria muito de entender o que ele está dizendo.

Depois de um tempo, Alessia se volta para mim, os olhos arregalados como se não estivesse acreditando naquilo que está prestes a me contar.

— Meu pai já organizou nosso casamento.

Mas já?

É a minha vez de ficar incrédulo.

— Me conte.

— Você só precisa do seu passaporte.

Nós nos entreolhamos, e acho que pensamos a mesma coisa.

Está parecendo fácil demais.

Meus olhos encontram os do Sr. Demachi, e ele levanta o queixo em uma expressão carrancuda e arrogante, como se quisesse dizer “não fode comigo”, me desafiando a discutir com ele.

— Ele esteve com o escrivão do... humm... cartório... de estados civis. Não sei a tradução exata — diz Alessia. — Eles se encontraram para tomar um café hoje de manhã. E combinaram tudo.

Em um domingo? Simples assim?

— Muito bem. Quando? — Mantenho a voz controlada, pois não quero aborrecer o velho.

Ele tem pavio curto, quase igual ao do meu amigo Tom.

— Sábado.

Um arrepio de dúvida percorre as minhas costas.

— Tudo bem — respondo, e minha relutância deve me denunciar.

Nervosa, a atenção da Sra. Demachi vai de mim para o marido, e depois para a filha.

Alessia diz algo para o pai, que grita com ela em resposta, surpreendendo a todos. Ela empalidece, abaixa a cabeça e olha de relance para mim, no que empuro minha cadeira para trás.

Ele não devia falar com ela desse jeito.

— Ele e o escrivão são bons amigos — explica Alessia, apressada. — Velhos amigos. Acho que sei quem é. Já o vi antes. Meu pai disse que está tudo arranjado. — É óbvio que ela está acostumada com as explosões de raiva do pai, mas também parece desconfiada.

Assim como eu. Esse arranjo parece conveniente até demais.

Perplexo, me acomodo na cadeira de novo. Não quero provocá-lo.

— O que eu preciso fazer?

— Temos que nos reunir com o escrivão amanhã na *bashkia*, quer dizer, na prefeitura, para responder a algumas perguntas e preencher uma papelada.

Ela dá de ombros, parecendo tão apreensiva quanto eu.

Tudo bem. Vamos conversar com o tal escrivão.

NO BANHO, LAVANDO o cabelo debaixo daquele chuveiro antiquado, tenho uma crise. Uma rápida busca na internet me mostrou que é muito mais complicado um estrangeiro casar na Albânia do que o pai de Alessia fez parecer. Existem formulários que devem ser preenchidos, traduzidos e autenticados... e isso não passa de uma amostra bem pequena do que é exigido.

O que o pai dela organizou?

Como ele conseguiu contornar todos os protocolos?

E, caso tenha mesmo conseguido, será que os procedimentos são legais?

E se não são, como posso prosseguir com um casamento que provavelmente não vai ser legal, e só para apaziguar um velho orgulhoso e impaciente? Sei que ele será meu sogro, mas o que está pedindo passou dos limites. Se é assim que o Sr. Demachi trata a filha, então aquele discurso sobre honra que ele fez não vale nada.

Estou em um beco sem saída. Não posso partir sem Alessia, e sei que o velho maldito não vai me deixar levá-la comigo. Ela precisa de um passaporte e de um visto para voltar para a Inglaterra, e não faço ideia de como nem onde conseguir isso. Provavelmente em Tirana. Não sei.

Se bem que ele me disse que agora ela era um problema meu.

Talvez eu possa interpretar o que ele disse ao pé da letra.

Desligo o chuveiro, ressentido e desorientado pela situação na qual me encontro. E pela enorme poça que deixei no chão do banheiro. Não é um bom sinal so-

bre as instalações hidráulicas na Albânia. Pego uma toalha, me enxugo, visto minhas roupas e abro a porta.

Alessia está parada ali, ostentando o que parece ser um dispositivo de limpeza de chuveiro de alta tecnologia. Caio na risada, surpreso e satisfeito de vê-la, e sou transportado de novo para a época em que ela estava em meu apartamento, usando seu medonho uniforme de náilon, enquanto eu a observava às escondidas... e me apaixonava.

Ela ri e leva os dedos aos lábios.

— Ele sabe que você está aqui? — sussurro.

Ela balança a cabeça, coloca a mão direto em meu peito e me empurra de volta para o banheiro. Ela solta o esfregão e na mesma hora tranca a porta.

— Alessia — aviso, mas ela agarra meu rosto e aperta meus lábios contra os seus.

O beijo é suave e doce, mas exigente, surpreendentemente exigente. Quando sua língua encontra a minha, ela pressiona o corpo contra mim, e fecho os olhos, abraçando-a e me deliciando com seu beijo. Seus dedos deslizam por meu cabelo molhado, e seus lábios se tornam mais insistentes, puxando os meus com força. É um despertador para o meu pau impaciente.

Putá merda. Nós vamos trepar.

Em um banheiro com encanamento ruim na Albânia.

Eu me afasto para recuperarmos o fôlego, e os olhos de Alessia estão intensos e cheios de promessas, mas também de incerteza.

— O que foi? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Não. — Agarro seu rosto e fito seus olhos. — Meu Deus, por mais que eu queira você, nós não vamos trepar neste banheiro. Seus pais estão por aí, e não tenho camisinha. Agora, me diga, qual é o problema? É o casamento?

— É.

Respiro aliviado e a solto.

— Certo. Isso que seu pai organizou... Não sei se é... legítimo.

— Eu sei. Meus pais querem conversar com a gente sobre essas... providências hoje à tarde. Não sei o que fazer. Acho que é porque meu pai pensa que estou esperando um bebê. Ele deu um jeito de mexer as cordinhas.

Uma imagem do pai dela como um diabólico titereiro aparece na minha mente, eu e Alessia como suas marionetes. Aquilo me faz rir.

— Nós dizemos “mexer os pauzinhos”.

Ela repete o ditado e sorri de modo tímido.

— Você ainda não se importa que eu corrija seu inglês?

— Nunca.

Tudo bem. Vamos partir para o Plano A. Aqui vai ele.

— Vamos embora. Você não precisa ficar aqui. Você é adulta e não deve nada a seu pai, não importa o que ele pensa. Podemos ir para Tirana. Conseguir um passaporte para você e tirar um visto. Depois voltamos para a Inglaterra e nos casamos lá. E seus pais podem ir até lá para o casamento.

Os olhos de Alessia se arregalam à medida que várias emoções permeiam seu rosto. A esperança parece vencer, e acho que ela também vinha considerando essa possibilidade.

Mas logo seu rosto murcha. Eu a abraço.

— Vamos achar uma solução — garanto e dou um beijo em sua testa.

Ela ergue a cabeça na minha direção, e acho que, no fundo, quer me fazer uma pergunta.

— O que é?

— Nada. Está tudo bem.

— O quê? — insisto.

Ela engole em seco.

— Minha mãe.

— O que tem sua mãe?

— Não posso deixar minha mãe aqui com ele.

— Você quer que ela vá com você para a Inglaterra?

— Quero.

Cacete.

— Tudo bem. Se é o que você quer.

Alessia parece perplexa.

— Você concorda?

— Sim.

Ela se ilumina como uma árvore de Natal, como se, enfim, se livrasse do peso de todos os seus problemas. Então, atira os braços ao redor do meu pescoço.

— Obrigada. Obrigada. Obrigada — diz, ofegante, entre beijos, e começa a rir e a chorar.

Ah, meu amor.

— Não chore. Eu faço qualquer coisa por você. E você já devia saber disso. Eu te amo.

Enxugo suas lágrimas com os polegares enquanto afago seu rosto.

— E, como eu disse, vamos achar uma solução. Vamos pensar num plano.

Alessia me fita com um olhar de adoração, como se eu tivesse todas as respostas para as questões eternas do universo, e um calor bem-vindo se espalha por meu peito. Sua confiança e sua fé em mim são desconcertantes, mas, porra, me deixam muito bem.

Eu faria qualquer coisa por ela.

Mais de 150 milhões de exemplares vendidos, 7,5 milhões apenas no Brasil; obras traduzidas para mais de 50 idiomas; uma trilogia de filmes cuja bilheteria ultrapassou a marca de 1 bilhão de dólares... Os números de E L James são impressionantes, e a autora está pronta para arrebatá-los ainda mais corações. Dessa vez, ela apresenta *Madame*, a continuação repleta de paixão e reviravoltas de *Mister*.

Maxim Trevelyan, o relutante Conde de Trevethick, foi até os confins da Albânia atrás da mulher que ama. Após lutar por ela e conquistá-la, agora precisa se casar com ela — até porque ele está sob a mira de uma espingarda.

Mas será que um ex-libertino como Maxim pode se tornar um bom marido? Ou sua reputação outrora infame e os escandalosos segredos de sua família aristocrática destruirão sua felicidade recém-conquistada?

Alessia Demachi desafiou e enganou sequestradores e traficantes, e ganhou o coração do homem dos seus sonhos. Mas ela conseguirá fazer esse casamento dar certo? Confrontada com o passado sórdido e a família ameaçadora de Maxim, além dos olhares e sussurros da elite de Londres, ela ainda não sabe se um dia será vista como a condessa de Maxim ou se será relegada para sempre ao papel de ex-faxineira.

Das majestosas montanhas da Albânia, passando pela paisagem idílica do interior da Inglaterra, até o glamour sombrio da Londres contemporânea, *Madame* é uma fascinante jornada de amor, desejo, aceitação e redenção.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/madame/>